

Realizar-se-á a Batalha de Flores?

A fim de ser resolvido em definitivo a realização da Batalha de Flores de Loulé, efectua-se na 4.ª feira, dia 9, pelas 21 horas, uma reunião na Câmara Municipal. Será para desejar que compareçam todas as pessoas que realmente se interessam por não deixar morrer o Carnaval de Loulé.

ANO XI N.º 267

JANEIRO - 6

1 9 6 3

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na

TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 154 - R. Tenente Valadim, 30 - FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRAFICA LOULETANA

Tel. 216 - R. da Carreira, 42-44 - LOULÉ

ESPERANÇA RENASCIDA

Um novo ano é sempre ocasião e magnífica, assinala-se, para o formular de votos, para o traçar de rumos, para o architectar de projectos. E quando nos lembramos, que na reduzida extensão volumétrica de um cérebro, se traçam planos de viagens interplanetárias ou de grandiosas concepções, pensamos também na excelência paradisíaca que seria o mundo se todos os homens quisessem. Surge-nos assim a formulação desse voto, que irmana totalmente milhões de indivíduos — a paz, a harmonia e a compreensão — supremos valores que caracterizando a cristã civilização ocidental, têm sido ao longo dos anos o apanágio supremo da Pátria Portuguesa.

TEMAS ULTRAMARINOS

Em prol da integração

Por GUEDES DA SILVA

Não podem restar dúvidas de que o futuro do Ultramar Português, tem dividido a opinião pública que, verdadeiramente, se interessa pelos problemas que informam a vasta problemática do Portugal de Além-Mar.

Estão postas, indiscutivelmente duas teses à consciência dos portugueses; essas são — a integração e um sistema de administração autónoma ou autonomizada. Os defensores, ou alguns defensores da tese integracionista, têm percorrido o País em vista de explicarem e consciencializarem as populações, sobre o que é uma verdadeira política de integração. Terá de se aguardar os defensores da outra tese, para além de afirmarem que o conceito integracionista está ultrapassado, venham dizer à Nação, com igual pormenor dos defensores da tese oposta, em que plano e que dimensão reveste o princípio de autonomia a encaminhar a administração Ultramarina.

Isto, porque, quere-nos parecer,

COMANDANTE

Daniel Rocheta

Acompanhado de sua esposa e filhinhos, esteve durante alguns dias em Loulé e visitou, em romagem de saude, vários pontos do Algarve, este nosso querido amigo, prezado assinante e conterrâneo, que, na metrópole, está a gozar merecidas férias do seu criterioso e prestigioso governo de Quelimane.

se anda a jogar muito com palavras, muitas vezes despidas de real significado, que apenas servem para «demagogicamente» espalhar a «confusão nos espíritos». Uma coisa que julgamos fundamental esclarecer, e está na base da doutrina autonomista, são os aspectos em que assenta o princípio da autonomia; explicando melhor — saber se essa autonomia é apenas administrativa (o tradicional princípio de descentralização administrativa que é parte fundamental do conceito de integração) ou se é aberta ao plano governativo e le-

(Continuação na 2.ª página)

Temporal na costa do ALGARVE

Forte vendaval varreu a costa do Algarve durante vários dias da passada semana, pondo em perigo muitas embarcações pesqueiras e impossibilitando quase por completo as normais actividades piscícolas, do que resultou grande escassez de peixe.

Em Quarteira, o mar desassossebou de tal forma a praia que o nível da areia baixou cerca de 1,50 m. No dia 1 a praia oferecia por isso um aspecto desolador, agravado pelo aparecimento duma camada de areia negra.

Algumas das casas que se situam próximo do mar (junto ao Mercado) sofreram importantes

(Continuação na 4.ª página)

Caleidoscópio

Certo nacionalista exaltado, condutor político de uma grande nação que sonhou elevar a um plano de exclusiva preponderância mundial, estipulou que todos os seus nacionais tinham o direito de visitar a capital do país, ao menos uma vez na vida.

Sempre que adrega irmos a Lisboa, ocorre-nos esse preceito de comando cuja obediência não traria qualquer mal ao Mundo.

Na verdade, volvidos quase trinta anos desde que tivemos o prazer de dividir, Lisboa, pela primeira vez, essa grande e majestosa urbe, da buliçosa povoação de Cacilhas, é ainda com certa emoção que a experimentamos numa altura em que os cabelos brancos indicam o termo da juventude.

Deambular livremente e sem destino pelas suas ruas olhando provincianamente para as suas belas montanhas e tudo o mais que os olhos tentam e prazer de que nos não dispensamos sempre que o tempo não minguar.

Teatros e cinemas, constituem obrigação a cumprir e atempadamente delimitada, ainda em casa, através de minuciosa consultiva dos jornais. Assim, não quisemos perder o ensejo de ver «Os Maias», adaptação ao teatro da famosa obra de Eça de Queiroz. Com ela bem presente, atraía-nos ainda a curiosidade de ver como seria possível a adaptação de um trabalho cujo mérito reside na ideia geral, é certo, mas muito principalmente no pormenor, apreensível em atenta e cuidadosa leitura.

A expectativa não foi iludida e foi com sensação de inteiro agrado que saímos sem o arrependimento do elevado custo do bilhete.

Por isso, aqui sugerimos aos apreciadores do teatro, dignos desse nome, uma ida ao Nacional, com a prévia certeza de que não será tempo mal empregado. E parece-nos cabida essa reserva

(Continuação na 2.ª página)

(Avença)



Vem aí o Carnaval -- e o de Loulé, quem o organiza?

Sua excelência o Entrudo, é uma ilustre mas caricata personagem, que o povo de Loulé adora, a tradição estima e os foliões abençoam.

Afora períodos críticos da vida portuguesa — isto é, «quando a tristeza nos invade» como reza a cantiga — a eufórica festa louletana sempre se tem mantido viva no elenco das boas realizações locais, como um cartaz permanente e honroso para Loulé e para aquela pleiade de filhos empreendedores desta terra. Com honra para os obreiros, fama para Loulé e proveito para o Hospital, tudo coisas sabidas e ressaltadas, mas que convém repetir para lembrar aos esquecidos ou desmemoriados, aos inertes ou azémolas, aos indiferentes ou inteligentes do «não-te-iares», que a função festiva é produto da tenacidade daqueles que a têm sabido manter através de todas as vicissitudes, de todas as canseiras e de todas as boas-vontades, como dignos herdeiros duma riqueza legada por louletanos de antanho, cheios de fibra e coragem, e que tão alto elevaram a

cantada fama das nossas virtudes baírristas.

Travestido das mais disparas fantasias, com figuração bufolesca, sofisticada ou quixotesca, como mandam os canones entrudescos, recamado de joias raras ou vulgares, impanante de riqueza valiosa ou modesta simplicidade, com humildade ou sobrançeria, o Carnaval de Loulé, quando desce à rua da folia e do prazer, vem investido daquela soberana vontade de distribuir o ricos e pobres, a velhos e novos, a grande riqueza que todos almejamos: a alegria de viver, o grato prazer dos momentos desculdados de brincar ou ver brincar, de saborear a onda congaçante do riso, que todos em boa paz e harmonia concedemos, uns aos outros num intercambio de graça, optimismo e boa disposição.

A troca de quê? Duns escasos escudos, destinados a ornamentar um dos símbolos mais belos da festa: a beneficência, nobre senhora que desde os pri-

(Continuação da 2.ª página)

Reclamação justa

Quando há anos foram aumentadas as tarifas do transporte de passageiros, as empresas de camionagem queixaram-se de esse aumento, pois lhes não interessava nem convinha, alegando que à fixação dessas tarifas pelo Estado presidia o proteccionismo aos caminhos de ferro. Em resumo... contrariadas mas aumentaram as tarifas.

Cremos que, para obviar aos clamores das empresas, então campeãs da defesa dos operários e dos estudantes, onerados pelo aumento em benefício das companhias ferroviárias, o § 5.º do art.º 155 do Decreto-Lei n.º 37 272 (Regulamento dos Transportes em Automóveis) concedeu, às empresas concessionárias, a faculdade de criarem bilhetes de assinatura semanais para estudantes e operários, a preços com redução de 50% sobre os bilhetes normais.

Claro que a lamúria cessou... mas só quando há concorrência nas carreiras as empresas usaram da faculdade concedida.

Assim os operários e os estudantes da zona a Sotavento de Faro, onde 3 empresas fazem transportes de passageiros, beneficiam da redução, mas entre Faro e Portimão e Silves, a mãe EVA, beneficiária em exclusivo,

diz que isso não é com ela. Pensamos até que na antiga «camionete dos estudantes», alugada expressamente para transportar os estudantes de manhã de Loulé para Faro, o aluguer era à base de bilhete normal.

Gostaríamos que, também neste aspecto, a EVA evidenciasse a sua legenda «Para bem servir», concedendo aos estudantes — e não são poucos — que utilizam as suas carreiras para Faro, tal benefício, com o que contribuiria até para não incentivar os pedidos de boleias.

Com isto não fazemos mais que apoiar alvíres que nos chegam.

Eng. Laginha Serafim

Encontra-se nos Estados Unidos, após ter estado na República da Costa Rica em visita a importantes trabalhos que ali está realizando, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo sr. Eng. Laginha Serafim, que também esteve no México, onde efectuou uma conferência.

Em pleno mar dos Acores

A bordo do navio

fala-se do ALGARVE e do Carnaval de LOULÉ

Foi em Dezembro de 1959 que eu tive o prazer de viajar, durante vinte dias, pelas nossas ilhas da Madeira e Açores na grata missão de examinar Bandas Civis.

Nada melhor para se aprender e observar, e ver e ouvir o que se diz lá fora a respeito do que é a nossa casa cá dentro, do que viajar-se por esse Mundo além.

Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de cobranças, a especial fineza de nos remeterem a importância das suas assinaturas, o que desde já muito reconhecido agradecemos.

Seduzido pela inebriante Madeira, por essa maravilha de encanto, de amor e de poesia, percorro depois, nos Açores, as ilhas de Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial. Embora o cenário seja de outro camblante, tem ele, todavia, seus enlevos de alma.

(Continuação na 2.ª página)

A E.V.A., os seus serviços e as suas instalações

Da E. V. A. recebemos a carta que a seguir publicamos.

Não merece ela qualquer reparo à direcção do jornal, mas lastimamos que Mário Leppo persista na sua atitude, que ratifica ao dizer-nos que com o encerramento, que deliberou da secção «Ao correr da pena...» morreu a possibilidade de, da sua parte, fazer outro comentário à vida local.

Se as respostas ou a má receptividade dos nossos comentários fossem entendidos pelo prisma de Mário Leppo... não seria longa a vida a qualquer jornal ou duradoura a actividade de quem escreve para o público.

Esperamos que o nosso colaborador não tenha quebrado irreversivelmente os bicos da sua apreciada pena.

Ex.º Sr.

Director do Jornal «A Voz de Loulé»

LOULÉ

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos agradecimentos pela publicação, no n.º 265 do Jornal da mui digna direcção de V. Ex.ª, da nossa resposta ao artigo que, sob o título «Ao correr da Pena...», havia saído no número 263.

Mas, como aquela nossa resposta mereceu réplica do autor do dito artigo, somos forçados a pedir a V. Ex.ª, uma vez mais,

o favor da publicação dos seguintes esclarecimentos:

1.º — Confirmamos o que dissemos sobre as dificuldades encontradas para ampliação das instalações de Loulé, onde funcionam a Sala de Espera e os restantes serviços da nossa rede de camionagem. No entanto, registre-se — aquilo que poucos conhecem e que o autor do artigo certamente ignora — não compete às empresas de camionagem a obrigação de construir as suas estações. Com efeito, conforme estabelece o decreto n.º 37.272, da cobrança, pelo Estado, do Imposto de Camionagem (e a EVA está pagando cerca de 2.400 contos por ano deste imposto), 60% destina-se ao Fundo especial de camionagem que, entre outros fins, tem o de construir as estações de camionagem (art.º 214.º). Portanto, tudo o que a EVA tem feito em matéria de estações, constitui boa vontade. A de Loulé foi a primeira a ser construída. Porque o movimento aumentou consideravelmente, está desactuali-

(Continuação na 2.ª página)

PARA QUANDO UMA ESTAÇÃO dos C.T.T. EM SALIR?

Embora criada há mais de um ano, como oportunamente noticiámos (por comunicação da Administração dos C. T. T.), ainda não se vislumbra quando será uma realidade a tão necessária como desejada estação dos C. T. T. de Salir.

Dos benefícios daí resultantes para uma população que vive relativamente afastada dos principais centros urbanos, nem vale a pena falar porque são superiores a quaisquer dificuldades que estejam a entrar a concretização de um melhoramento que consideramos inadiável.

Acreditamos que haja entraves propostos e falta de colaboração de quem devia esforçar-se por tornar realidade uma premente necessidade de uma populosa região, mas entendemos que as entidades oficiais devam agir com mais eficiência no sentido de concretizar tão importante empreendimento.

E, já agora, fica bem recordar aqui o que dissemos quando da notícia de que fora criada a estação em referência:

«Já que se encontra oficialmente criada a estação dos C. T. T. de Salir e que esse melhoramento está agora dependente de instalações adequadas, compete aos salirenses evidenciarem os seus melhores esforços no sentido de possibilitarem à Administração dos C. T. T. o aluguer da casa de que carece para pôr à disposição do público tão úteis serviços públicos.

Apesar da falta de baírrismo de que muitos salirenses tem dado sobejas provas, estamos em crer que irão agora esforçar-se por facilitar a realização deste melhoramento. Assim o esperamos.»

Trimestre	7\$00
Semestre	14\$00
Ano	25\$00
> (África e Brasil)	30\$00
> Avião	60\$00
> Estrangeiro	37\$50
> Avião	85\$00



Para Faro o ano de 1963, ora iniciado apresenta-se com as melhores perspectivas, pois finalmente se vai concretizar esse sonho da terra algarvia, que é o Aeroporto. Por outro lado surge também como obra do maior interesse a construção do cais comercial do porto comum Faro-Olhão — porta de saída dos produtos exportados — e de movimento futuro de certos sectores da corrente turística.

A dentro do plano de obras municipais justo é de realçar pelo seu valor social a projectada construção de casas para as classes pobres, medida do mais el-

vado sentido, além de empreendimentos de carácter turístico — a valorização da Praia de Faro, — a pavimentação de artérias e a electrificação de freguesias rurais. Em suma, um ano que se inicia fértil de projectos, os quais se tiverem a necessária concretização muito contribuirão para o progresso da airosa capital algarvia.

* Filipe de Brito, o moço acordeonista algarvio, seguiu no dia 4 do corrente para o Brasil, onde no Rio de Janeiro iniciará uma série de espectáculos em terras (Continuação na 3.ª página)

Caleidoscópio

(Continuação da 1.ª página)

pois aconteceu que, durante um dos intervalos, quando mirávamos, mais uma vez, uns quantos bustos de glórias ligadas ao teatro, expostos à entrada, ouvimos breve conversa entre um senhor de certa idade e um jovem, com ar desportivo, provavelmente seu familiar e convidado. A pergunta do primeiro se estava a gostar do espectáculo, ouvimos a seguinte resposta: — sim, não é mau, contudo ainda aprecio mais um jogo de futebol!

Se o leitor é desses, então... não vá perder o seu precioso tempo!

Ao retermos essa maravilhosa obra prima da literatura portuguesa, genial criação do mesmo Eça de Queiroz, intitulada «O Suave Milagre» e cuja validade eterna está patente na sua recente publicação num dos jornais de maior tiragem no País, encontramos a seguinte passagem:

«... pela Lua Nova, um Eabi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancara sete demónios do peito de uma teceadeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo saltador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto».

A referência a esse símbolo do mal e do pecado, vagamente conhecido, aliada à curiosidade de saber como era, através dos olhos realistas de um italiano, evocou-nos a um cinema onde se tinha um filme com esse sugestivo título: «Barrabás».

Admitindo que a história se apresenta muito romaneada a

verdade é que tem verosimilhança e, no tocante à interpretação, atinge as raízes do sublime com o desempenho de um actor na verdadeira aceção da palavra: Anthony Quinn.

Regala ver representar de forma tão extraordinária e convincente, dando uma sensação de realidade às coisas que, por pouco, nos sentimos transportados daquelas eras bíblicas com todo o seu cortejo de sofrimento, noteados para a Fé e crença no Todo Poderoso.

A honestidade é lema na obra em questão e por isso também a recomendamos aos que gostam de se documentar sobre tão magno problema e apreciam a arte que o cinema contém.

Não há dúvida que vale a pena uma deslocação à nossa capital cujos encantos, bem apreciados, deleitam o espírito de quem, cá longe, não pode usufruir-lhes no dia a dia do alfacinha, em regra ansioso por fugir ao seu ruído e atropelo!

Na nossa qualidade de sulista, acompanhámos M. Teixeira Gomes onde escreveu: «A súbita transição de um lugarejo provinciano, cheio de fisionomias conhecidas, inevitáveis, fotografadas na memória em todos os seus aspectos, para uma cidade pomposa, abre o espírito ao gozo da surpresa que, nos primeiros dias, nasce do mais insignificante espectáculo».

M. M. G.

Vem aí o Carnaval

(Continuação da 1.ª página)

meiros aos últimos minutos da festa, a ela assiste agradecida, conduzida aos ombros da solidariedade louletana.

A propaganda do Carnaval do Estoril já surgiu através da publicidade habitual e outras festas semelhantes à nossa se preanunciam.

— E o Carnaval de Loulé, quem pensa nele ou no estudo da sua organização?

O tempo escasseia e nada nos consta sobre a sua efectivação. — Porquê? — Porque há carência de empreendedores, de boas-vontades, porque falece no espírito dos louletanos aquela velha e ufana vontade de a dirigir e de realizar aquilo que até agora tem sido uma das mais opulentas iniciativas dos filhos desta terra?

Não podemos aceitar de boa mente tão conflagradora realidade. Não nos resignamos à ideia dos abandonos, das fugas, ou das deserções da classe dirigente, dos homens válidos ou responsáveis pela condução da vida pública louletana ou das suas melhores iniciativas privadas, como não acreditamos que se tenha chegado ao extremo de tamanha insensibilidade, a ponto de se postergar umas das suas mais fecundas realizações.

Para além de qualquer questão de ordem pessoal ou administrativa, deste ou daquele desígnio, deste ou daquele inquérito, a realização da festa não pode estar pendente de obstáculos deste género. A iniciativa é da estrita competência da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, auxiliada por todos aqueles que lhe possam e queiram prestar colaboração. — Há outras razões impeditivas que não permitem à Mesa ou à Comissão Administrativa ombrear com a costumada função? — Então transmita-se publicamente essa decisão, com urgência, e desobrigue-se quem tiver que se desobrigar dessa responsabilidade.

A verificar-se esta última e lamentável hipótese, cumpram-se então, em nome dos interesses locais e hospitalares, dirigir um apelo ao sr. Presidente da Câmara para que se digne ordenar a organização de tão prestante e útil iniciativa. Acreditamos que este nosso chamamento vai ser bem recebido, com prontidão e agrado, pelo nosso primeiro município, atendendo às suas conhecidas virtudes de benemerência, ao seu elevado espírito baírrista e ao seu amor à terra que lhe foi berço.

S.

OLIVEIRAS

Enxertadas

VENDE Adelino Farrajota — Telefone 145 — LOULÉ.

MUARES

Por motivo de lavoura adiantada, vendem-se 2 muares novas.

Tratar com Manuel Filipe Viegas — Telef. 15 — ALMANCEL.

A E.V.A., os seus serviços e as suas instalações

(Continuação da 1.ª página)

zada. Como foi dito, está em estudo a sua ampliação, que terá de ser feita dentro do que for possível, já que, nesta matéria que pertenceria ao Estado, grandes são as necessidades em toda a parte.

2.º — Registou-se que a falta de transporte se verificou nas Ferreiras, a uma 2.ª feira, na parte da manhã, com pescadores vindos de Albufeira. É possível. As 2.ªs feiras, no verão, torna-se impossível prever onde são necessários os desdobramentos. Francamente o caso apontado não era de prever, isto porque os pescadores de Albufeira que se empregam nas traineiras com base no porto de Portimão, costumam alugar um auto-carro que os transporta no sábado para Albufeira e regressam no domingo à tarde, a Portimão. Como também dissemos, na zona é colocado um carro, para desdobramento e não se têm registos complicações, nem reclamações e o serviço tem decorrido normalmente. Evidentemente que, um dia, pode ser necessário um desdobramento onde menos se esperava...

Uma coisa desejamos esclarecer, para conhecimento do autor do artigo: O remédio que precisa não pode ser usado, isto porque estando uma viatura de reserva em Albufeira, nunca poderia chegar às Ferreiras a tempo de efectuar desdobramento, porque a lei determina que este deve formar comboio com a 3.ª carreira. Com efeito, o telefone, a deslocação de um carro de Albufeira às Ferreiras, necessitariam de cerca de vinte minutos, o tempo suficiente para a carreira estar quase em Lagoa. Como vê, não pode ser. Muitas outras coisas poderíamos dizer, sobre tão complexo assunto. O jornal inteiro não chegaria para considerações e exemplos.

3.º — Afirmando o cronista que, em determinado dia, ficaram passageiros em terra, em Portimão, na carreira das 18 horas, por localidades além de Lagoa, nomeadamente Alcantarilha. Respondemos que em Portimão não podiam ficar pessoas por transportar. Vem, agora, aquele seu colaborador esclarecer que o caso se passou na primeira paragem depois da que constitui o início da carreira e que, pelo menos, um dos passageiros era para além de Alcantarilha. Em que ficamos? Quantos eram, afinal? Mas deixemos o caso numérico, onde o articulista não está seguro da sua verdade. O que desejamos esclarecer é que entendemos por «Portimão» a paragem oficial. E aí não fica ninguém por embarcar, nem que se tenham de usar duas, três ou quatro ou mesmo cinco viaturas para desdobramentos, como aquele Sr. reconhece e testemunha. Mas, se alguém que se destina além de Lagoa, prefere a incerteza de lugar numa paragem imediata, a certeza do mesmo no início da carreira, a 300 metros de distância, esse risco é lá consigo. Nós não podemos prever, desde que não sejamos avisados. Com efeito, o passageiro ao adquirir o seu bilhete, no início da carreira (e pode fazê-lo com 24 horas de antecedência), fica com direito a um lugar, que é registado no próprio bilhete. Pode, até, avisar que irá embarcar numa outra paragem adiante e o lugar continuará a pertencer-lhe, até esse sítio. Mas se preferir jogar na incerteza, a culpa já nos não diz respeito, até porque o serviço de venda de bilhetes e marcação de lugares (serviço gratuito), nos custa muito dinheiro, só em benefício do público. Se esse público não colabora e não se aproveita, o que podemos fazer?

Agora vem a propósito o alvitre do articulista: que enviem os emissários na carreira para, em caso de necessidade, telefonar a pedir outra viatura. Com franqueza!

Se na segunda paragem não for necessário, e sim na terceira? E se nesta também o não for, mas na quarta? E assim por diante... Até onde deveríamos manter o serviço (extra e não previsto na lei) de emissários estafetados?

4.º — A viatura que no dia 13

Trespasa-se

EM QUARTEIRA

Estabelecimento de petiscos, com jogos de laranjinha e gira-discos.

Tratar com Silvino Mendes Clemente Cavacos — QUARTEIRA

Guarda-Livros

Encarrega-se de qualquer trabalho de Escrita: Montagem, Seguinte, Balanços. Informa esta Redacção.

de Novembro circulava com aviação numa janela, foi substituída para arranjo, por outra nova, no dia 15 do mesmo mês, porque a fiscalização da Empresa apontou a deficiência aos Serviços Técnicos. Pode o articulista certificar-se do que afirmamos. Não foi a única substituída. Foram mais, dentro do que é habitual. Evidentemente que todos avaliam que se a Empresa não procedesse assim, breve as suas viaturas estariam impróprias para a serviço. Infelizmente os desarranjos são frequentes, alguns mesmo pelo mau uso que os Senhores passageiros fazem de semelhantes utensílios; mas afincadamente são concertados, na medida em que o conhecimento e a oportunidade surgem.

REBATE DE CONSCIÊNCIA

Muito nos custa abordar este melindroso aspecto da resposta do cronista. Este senhor afastou-se, demite-se, porque as suas crónicas não agradam. Pela nossa parte simplesmente defendemos os serviços da Empresa e não atacamos ou censuramos. A nossa resposta foi correcta. Limitámo-nos a refutar o ataque múltiplo e público, que nos dirigiu, embora adocado com o lugar comum de que a Empresa é idónea e competente, mas... E o costume. Há sempre aquele mas, que serve de base para a crítica.

A propósito, devemos ainda esclarecê-lo que, enquanto quem escreve nos jornais pode errar, nos seus juízos, a Empresa é obrigada a defender-se, porque é responsável perante o Estado pelo uso que faz das concessões. Essa a razão porque a defendemos, porque o contrário poderia constituir a afirmação e concordância de faltas que, afinal, não são suas, expondo-se a sanções disciplinares bem pesadas.

Mas quem critica, não deseja ser criticado. E, se o é, pede a demissão? Por tão pouco?

Parece que o autor do artigo não gostou da nossa insinuação de que havia escrito ao correr da pena. Ora se o título da crónica é «Ao correr da Pena...», poderá o seu autor queixar-se que se lhe aponte que escreveu ao correr da pena?... De duas, uma: ou escreve ao correr da pena, e o título está certo (e a crítica), ou se o faz mais profundamente, o título está errado.

E assim o demonstrou ao falar de estações de camionagem (vidé n.º 1), e de desdobramentos (vidé n.ºs 2.º e 3.º).

Certamente que reparou que nem tudo quanto escreveu, com crítica construtiva, foi contestado. Deu-se seguimento ao que nos pareceu justo, ao que estava certo. E deu-se público conhecimento disso mesmo. Evidentemente que houve necessidade de esclarecer quanto ao que se nos afigurou descaído.

E quando o cronista faz afirmações como aquela de que certamente não sabemos o que se passa nas caminhetas, porque andaremos mais de automóvel, é injusto mais uma vez, desnecessariamente. Andamos de caminheta e também de automóvel. Vamos a toda a parte onde há serviço para ver, público e pessoal para ouvir, nova matéria para estudar. E já já vão quase 35 anos nesta azáfama, desde a primeira carreira! Mas, além disso, a Gerência da Empresa tem os seus fiscais, a quem incumbe a verificação constante e aturada de todo o serviço que, nos seus diários relatórios, a põem a par de tudo quanto é mister resolver-se, a bem do público. E não nos diga o cronista (na vida prática funcionário de uma entidade também em contacto com o público) que os seus Chefes hierárquicos, habitualmente em Lisboa (certamente com menor número de viagens a Loulé, do que aquelas que fazemos aos nossos serviços onde quer que eles se situem), necessitam de estar presentes na ridente vila algarvia, para saberem o que se passa na sua repartição!...

Vamos ficar por aqui. Acreditamos na sua boa fé, na honestidade dos seus propósitos. Por nós, pela nossa reacção não deixamos de escrever a sua interessante secção. Se assim fizer, deixará «Ao correr da Pena...», será mesmo, «correr com a Pena...». E é pena!...

Muito gratos, nos subscrevemos com elevada consideração de V. Ex.ª

Mt.º Atenciosamente

Empresa de Viação Algarve, Ld.ª

O Gerente

VENDE-SE

Máquina de fabricar tijolos, furador com produção de 8.000 a 10.000 tijolos em 8 horas, com lamina d'água e motor a gasóleo, marca «Tangey» com 310 r. p. m. de 34/37 c. v. Vende-se em conjunto ou separado. Tudo em bom estado de funcionamento.

Dirigir a José Domingos de Sousa — Telef. 3 — ALMANCEL.

Em pleno mar dos Açores

(Continuação da 1.ª página)

votas, os palucos de um ou outro peixe e, as Ilhas que se avistam: a norte, a Graciosa; a Terceira a esfumar-se no infinito, a nascente; S. Jorge e Pico, a sul, e Faial, a poente. Cenário de Gigantes em pleno Oceano, quadro de reais pinceladas a despertar a nossa sempre ávida curiosidade.

S. Jorge, como o seu patrono, é altiva, guerreira e sauta. Passa-se próximo à Ponta de Rosais, que também é designada pela «Ponta do Charuto».

A tarde vai declinando. O Sol vai proporcionando reflexos suaves e convidativos ao gozo que nos oferece a Natureza. «Carvalho Araújo» deita «ferro» em frente da graciosa Vila de Velas.

Lá em cima, na encosta do suave cerro onde a Vila, terminada, um artístico molinho de duas grandes palhetas encarnadas que parecem duas engraçadas velas, dá-nos a ideia de um pagode chinês, e é, talvez, o molinho com as destacadas velas a simbolizar o nome da terra.

Caminha-se, depois, à frente da Ilha do Pico, Suave e agradável passeio num mar feito de encomenda para as minhas negativas qualidades de marinheiro. Noite escura, luzinhas e tremelicarem do lado que se distanciam e do outro que se aproximam. E, como quem, depois de jantar quer dar o repouso que o corpo exige, entro no Salão da primeira classe, onde viajo, e sento-me e recosto-me num dos sofás.

O plano está a meu lado, mudado e quedo como qualquer objecto já sem alma e sem valor. E pretendo matar a sonolência que me invade o espírito.

No sofá de lado, a poucos passos do meu, rodeando uma fina mesa, um jovem grupo de duas senhoras e dois distintos cavalheiros, desfilam conversas e recordações, de sorrisos e de bom espírito.

Os seus entusiasmos enchiam o Salão; a sua algarviada despertava-me da sonolência em que me havia encontrado. E, sem querer, os meus sentidos acompanham o desenrolar das conversas.

Uma das senhoras, a que mais gosta de taramela e que já se fizera conhecer como natural da Ilha do Faial, para onde se destina, toma o púlpito da sua oratória — aliás de boa dicção e de educada fraseologia — e despenrola a bobina da sua metragem.

Que conhecia o norte de Portugal, o centro e o sul. Mas era precisamente do Algarve que tinha mais belas recordações.

Portimão e a sua Rocha, Sagres, Cabo de S. Vicente, Fátima-Monchique, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, que jardim de encanto onde melhor gozara as belezas do Continente!...

Vou ouvindo e sinto um indistincto prazer, uma emoção, um despertar de saudades por ouvir em tão distantes paragens falar do Algarve onde nasci. E com redobrado interesse continuo a ouvir.

Que não podia esquecer — diz — o célebre «corridinho» algarvio, por ser um polqueado de muita graça, por ser uma dança de vibração e um marcadinho de bastante alma que aquece os corações dessa gente do sul, dessa gente de poesia e de amor, camponesas algarvias através do característico chapéu e lenço a seduzirem quem as vê e a terminar nos poetas e nos literatos de garra.

Que não podia esquecer, já mais, o afamado carnaval de Loulé!...

Que fora em Loulé onde vira esse festival cheio de graça, luxo, riqueza; carnaval único, carnaval que interessa, carnaval civilizado onde os civilizados po-

dem melhor entreter seus olhos. Que os louletanos são baírristas como nenhuns outros, e que o monumento a Duarte Pacheco é bem o mais belo monumento de todo o Algarve, em homenagem ao maior algarvio da nossa época que engrandeceu Portugal como poucos o têm feito.

Ouçó em silêncio todo este rosário de contos que me enchiam a alma de modo a não poder conter a emoção que sinto, o calor que o meu coração de louletano vai suportando, calor que provoca o deslize subtil de umas bolazinhas de água pelas faces, ao mesmo tempo que me aflora aos lábios uns sorrisos de bem sentida satisfação.

Não me posso mais conter. E peço licença, levantando-me do lugar onde estava sentado, para intervir na descrição ouvida.

Pasmado total nos personagens do grupo; expectativa e silêncio ante o meu atrevimento de intervir onde não era ouvido nem achado.

Mas o meu sorriso vaidoso, o meu semelhante de pessoa de bem e com aspecto de quem é reconhecido e agradecido, depressa corta os efeitos da natural surpresa.

— Têm vindo V. Ex.ª a enaltecer os méritos do meu Algarve e da minha terra. Por estas paragens cheias de perigo e por mares tão distantes do meu berço natal, ouvir em acaalorado sabor dizer bem dos meus sítios, é, sem V. Ex.ª, darem por tal, a este vosso obscuro companheiro de viagem, tão metido no seu sofá, um lenitivo e uma consolação de espírito que me obrigam a levantar-me para vos agradecer, de todo o meu coração, o bem que me fizeram. Sou louletano, e fico-lhes duplamente reconhecido por o carnaval da minha terra vos merecer distinção, e o meu Algarve, lhes ter interessado mais do que as outras províncias. Obrigado!!

Olham-me, levantam-se, ficam perplexos ante o meu agradecimento, e, como pessoas saídas de embarcações, dão largas ao seu próprio contentamento, comentando em uníssona exclamação: — «... se nós estivéssemos a falar mal do Algarve e dos algarvios?!!»

Eram vinte e uma hora e quarenta minutos dessa noite de Dezembro.

«O Carvalho Araújo» levava apenas cinquenta minutos na travessia de S. Jorge para o Pico.

Para se colher, há que semear-se.

Se é agradável, lá longe, ouvir-se falar do carnaval de Loulé, evidentemente que ele tem que se realizar.

Estamos à porta do CARNIVAL de 1963. Estive há poucas dias em Loulé e foi com certa apreensão que registei o facto de não se falar na sua realização, numa altura tão próxima e quando anda, já, pelas vias da propaganda, em cartazes berrantes, o Carnaval do Estoril.

Loulé não pode passar sem levar a efeito essas tradicionais festas. Empreenda-se nos prazeres que houve por não se ter realizado o Carnaval de 1962.

Além dos prejuízos de ordem comercial, de indústria e assistência, mais se salientou o prejuízo recreativo e espiritual com a fase morta que empanou toda a vida louletana, por lá estar enraizada na prática de há muitos anos, ver dentro de si, movimento, agitação, alegria, mocidade, amor, poesia, música, rendimento e pão para muitas bocas famintas.

Oxalá que este meu sincero e desinteressado incitamento, ao ser lido pelos leitores desta VOZ, encontre a MÁQUINA do CARNIVAL de LOULÉ já a iniciar a sua veloz marcha.

— Se há abatimento, que ele se levante!...

Se há cansaço, que se revigorem energias, que se tñifiquem forças, que haja ajudas, que haja vontade, que se tenha, enfim, a noção bem viva de que Loulé tem de continuar a ser o Loulé do Carnaval e da Mãe Soberana, o Loulé que vive e não morre.

Barreiro, 20 de Dezembro de 1962.

Pedro de Freitas

AMENDOEIRAS

PARA PLANTAR

Vende em boas condições: José Agostinho Debruzias Telef. 2009 — Parragil LOULÉ.

PRÉDIO

VENDE-SE

Situado na Rua Pedro Nunes, (Campina de Cima) n.ºs 18-20 e 22, com mercearia, café, boas dependências para habitação e excelente quintal. Tratar com Agostinho Gernardo — LOULÉ.

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 267 — 6-1-1963.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo presente se anuncia que na 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca e no dia 6 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta mesma comarca, se hão-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor que lhes vai indicado, pelo qual serão postos em praça, os imóveis infra designados, penhorados aos executados Maria Clotilde Carrilho Cavaco e marido, Mário Neves Córdis Graça, ela professora do ensino primário e residente em Portimão e ele empregado bancário e residente em Portalegre, e António Alberto Carrilho Cavaco, casado (separado judicialmente de pessoas e bens), capitão do Exército, acidentalmente residente nesta vila, nos autos de Execução Fiscal Administrativa que lhes move o Digno Agente do Ministério Público em representação da Fazenda Nacional, a saber:

Primeiro — O direito a um/ quinto da sua propriedade de uma morada de casas térreas com vários compartimentos, sita na vila de Loulé, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 32460, a fls. 178 v.º do Livro B-82, e inscrito na matriz sob o artigo 3311, com o valor matricial corrigido e correspondente de 28392500; e, Segundo — O direito a um/ quinto da sua propriedade do primeiro andar de uma morada de casas com quatro compartimentos, nesta vila, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 3012, a folhas 122 v.º do Livro B-8, inscrito na matriz sob o artigo 149, com o valor matricial corrigido e correspondente de 2668380.

Pelo presente são citados os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de dez dias, a contar da arrematação, deduzirem, querendo os seus direitos.

Loulé, 19 de Dezembro de 1962

O Escrivão de Direito,

João Guerreiro Brás

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

José António Carapeto dos Santos

ÁFRICA

Deseja embarcar rapidamente de barco ou avião para qualquer porto das n/ Províncias Ultramarinas?

Dirija-se imediatamente à

Agência de Viagens e Turismo Algarve

Praça da República, 98 - 100 Telef. 193 — LOULÉ

EDITAL

Recenseamento Eleitoral

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º, da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1963, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

AO ABRIGO DO DISPOSTO NOS ARTS. 1.º E 2.º DA CITADA LEI:

São eleitores e, como tal recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — Curso geral dos liceus;
- b) — Curso do magistério primário;
- c) — Curso das escolas e belas artes;
- d) — Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 30 de Dezembro de 1962

O CHEFE DA SECRETARIA,

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO

POSTAL de FARO

(Continuação da 1.ª página)

da Nação Irmã. Além de actuar na Rádio e TV carioca, Filipe de Brito, que se estreou há perto de 13 anos na Feira Popular de Loulé, exibiu-se também em emissões radiofónicas e televisivas em S. Paulo, seguindo depois rumo à Venezuela. Este artista, que tem sido o melhor embaixador da vibrante música popular algarvia em terras de Espanha, França e Suíça, despediu-se do nosso público com um concerto de música clássica, no dia 28 de Dezembro no Círculo Cultural do Algarve.

Para Filipe de Brito, a quem nos prende uma sincera amizade e em quem reconhecemos um verdadeiro artista, vão os votos de uma boa digressão e que de sobremaneira, se cumpram as palavras que há alguns meses, declarou ao nosso jornal: «Levarei aos portugueses do Brasil e Venezuela, a mensagem vibrante da musica portuguesa».

Noticiário

Foi nomeado director da Biblioteca do Liceu Nacional de Faro o Dr. Francisco Guerrero da Silva, professor efectivo do 4.º grupo daquele estabelecimento de ensino.

Numerosas festas natalícias se efectuaram na cidade, entre as quais destacamos a do pessoal da Junta Autónoma das Estradas da Sociedade de Panificação Estrela Farense, do Instituto Alemão em Faro, da JOC, etc. No coreto do Jardim Manuel Bivar, estava armada uma grande árvore de Natal, iluminada e onde o público podia deixar as suas lembranças para os internados nas obras assistenciais da capital algarvia.

O Organismo Nacional Italiano de Turismo, de Lisboa promoveu no átrio do Cinema Santo António uma exposição de cartazes e fotografias, bem como na sala de espectáculos uma projecção de filmes sobre o turismo na Itália.

Na última jornada do Campeonato do Algarve de Juniores, em futebol, o Farense venceu o Olhanense por 2-1, enquanto que o Moncarapachense foi derrotado pelo Lusitano por 4-1. O Farense contando por vitórias os jogos efectuados, comanda a classificação.

Foi nomeado comandante do porto de Faro, na vaga deixada pelo capitão de fragata Eduardo Augusto Metzner o sr. Capitão Tenente Vítor de Sousa Uva.

Efectuou-se a Assembleia Geral Ordinária da Mutualidade Popular de Faro, durante a qual foram eleitos os novos corpos gerentes da associação, ficando como presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, respectivamente os srs. Dr. José de Jesus Neves Jr., Francisco dos Santos e Amílcar Aleixo Fazezda.

Deslocou-se ao Algarve, por iniciativa da Federação Portuguesa de Basquetebol o conhecido técnico prof. José Esteves, tendo pronunciado uma série de conferências sobre a modalidade e tomou contacto com dirigentes desportivos e escolares. As sessões efectuaram-se em Olhão, Faro, Portimão e Albufeira, respectivamente nas sedes de «Os Olhanenses», Faro e Benfica, Portimonense e Imortal.

Começa a disputar-se no domingo, dia 13 o Torneio «Jornal do Algarve», para barcos da classe snipe, organizado por aquele nosso colega e com a colaboração do Ginásio Clube Naval. A iniciativa visa aumentar a actividade náutica nesta cidade, sendo possível que o Torneio se dispute anualmente.

João Leal

BOLIQUEIME

Agradecimento

Germano Vicente Gonçalves, esposa e filhos, na impassibilidade de o fazer pessoalmente, vêm por este meio, muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada a sua chorada mãe, sogra e avó Quitéria do Carmo Vicente.

Agradecem também a todas as pessoas que se interessaram pela saúde da saudosa extinta durante a prolongada doença que a vitimou e as que a exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

OLIVEIRAS

Para dispôr.
Vende M. Brito da Mana — Telef. 18 — LOULÉ.

Propriedades VENDEM-SE

Por motivo de ausência do proprietário, vendem-se diversas propriedades situadas junto da Estrada Nacional (entre Algoz e Messines) uma das quais dispõe de um grande prédio aquintalado (género mansão) que tem também todas as dependências necessárias à lavoura.

Tratar com José Viegas Bota — Telef. 34 — Rua Serpa Pinto — LOULÉ, que presta todos os esclarecimentos.

Automóvel

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se um automóvel MORRIS em bom estado geral.

Tratar na Rua Miguel Bombarda, 62-64 — Telefone 37 — LOULÉ.

Ajude o Artesanato!
Comprando bordados de Viana

J. Pereira da Costa Odontologista

Participa aos seus Prezados Clientes e Amigos que mudou o seu consultório para a

Avenida José da Costa Mealha, 39 - 1.º

(em frente ao Cinema)

Telefone 114

LOULÉ

Oficina de canteiro

Por o proprietário se encontrar impossibilitado de trabalhar e não poder orientar o serviço, trepa-se uma oficina de canteiro em Loulé, com vários trabalhos já executados e diverso material em bruto.

Tratar com Francisco José Marcellino — Rua Sacadura Cabral, 1 — LOULÉ.

CASA

Aluga-se uma casa acabada de construir, situada na Rua dos Combatentes da Grande Guerra (Campina de Cima), com 6 divisões e terraço.

Tratar com José Rocheta Morgado — Telefone 131 e 151 — LOULÉ.



Cada recanto do seu LAR deve ser um lugar aprazível de conforto

Embeleze-o, torne-o mais acolhedor e atraente com:
Móveis novas... modernas... práticas... confortáveis...

Nos estabelecimentos de: **HORÁCIO PINTO GAGO**
Rua Dr. Frutuoso da Silva e Av. José da Costa Mealha — LOULÉ
TERA MUITO POR ONDE ESCOLHER.

De todos os estilos... Para todos os gostos... Para todos os preços... Para todos os fins...

Mesmo por curiosidade, faça hoje mesmo uma visita ao vasto salão de exposições da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

As suas exposições, constantemente renovadas, são uma pequena amostra da sua grande existência.

Compre agora e sempre nesta casa.

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

O melhor que se fabrica
EM TECIDOS PARA
FATOS DE HOMEM
ENCONTRARÁ NA
Casa ZÉ CORTES

Faça os seus anúncios na «Voz de Loulé»

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 1, os srs. José Manuel Júdice Pontes e Francisco Bita Bota, residente em Lisboa e a sr.ª D. Maria Guerreiro de Sousa.

Em 2, a sr.ª D. Maria do Carmo de Brito Gomes, residente na América do Norte, e os srs. Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro, Francisco de Brito Barracha e Carlos Maria Bolotinha.

Em 3, a sr.ª D. Maria da Sociedade Vilhena Baptista Martins e o menino Francisco da Silva Ferreira.

Em 4, a menina Ana Lucília Fernandes Caetano, residente em Moura.

Em 6, as meninas Deonilde Morgado Martins, Maria Helena Martins Carrilho e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro e as sr.ªs D. Maria José Rocha Carapeto, Silva Pereira e D. Lucília Bocarelli de Sousa, residente em França.

Em 8, a menina Maria Helena Correia Conreiras e o menino José Manuel Sousa do Nascimento.

Em 9, a sr.ª D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António, os srs. Eleutério Pires Gomes, e Daniel de Sousa Domingos, residente em Lisboa.

Em 10, as sr.ªs D. Orlanda Maria de Sousa Luís Ramos, D. Maria Josefa Guerreiro Rua Frade Lory, o sr. Francisco Andrade Ferreira e o menino André Fernandes Caetano Moura.

Em 11, os srs. Sebastião Marçal de Castro e Manuel Costa Gonçalves.

Em 12, as sr.ªs D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabeth Mendes Esteves e D. Cândida de Brito Cecília, residente no Palmeiral.

Em 14, a menina Maria Catarina da Franca Rodrigues Cebola, a sr.ª D. Lídia Modesto dos Santos Vaz e o menino Vítor Manuel de Sousa Correia.

Em 15, a sr.ª D. Maria Quiréria Ramos e o sr. João Aleixo Cebola.

Em 16, os meninos António Vila-Lobos de Carvalho Santos e Carlos Alberto Simão Maia e a menina Maria Amélia Coelho Gula, residente em Grandola.

Em 17, a sr.ª D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. José Manuel Ferreira, Manuel Sérgio Viegas Gago e João Gomes da Fonseca, e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Em 19, o menino Aristides Leal Alho e a sr.ª D. Lucília Miguel Barão.

Em 20, a sr.ª D. Maria de Lourdes da Palma.

Em 24, o sr. Padre João Baptista Peres.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Célia Inês Figueiro Coelho dos Santos, esteve em Loulé o sr. Dr. Alvaro Coelho dos Santos, nosso prezado assinante em Lisboa.

A fim de elaborar estudos sobre projectos para um Liceu, Escola Técnica e Bairro Residencial na cidade da Praia encontraram-se em Cabo Verde o nosso estimado amigo e assinante sr. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, funcionário do Ministério do Ultramar.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Esperança da Silva Neves Coelho e de sua filha Filomena Maria, esteve em Loulé o nosso prezado assinante em Lisboa sr. António Nunes Coelho.

Acompanhado de seus filhos e esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Irene Jacinto da Silva Veiga, esteve alguns dias em Loulé o nosso prezado assinante sr. Dr. António Luís Veiga, ajudante do Procurador da República do Circulo Judicial de Beja.

A passar o Natal com a sua família, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Orlando Pinheiro Rafael Pinto, assistente do Instituto de Investigação Industrial.

Com sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Dina Maria Rocha Carapeto de Vilhena Ramirez Ramos e seu filho, esteve em Loulé o sr. Joaquim de Vilhena Ramirez Ramos, nosso prezado assinante em Ervidel.

Cumprimentamos em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante em Moncarapacho sr. João Mascarenhas Mendonça.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e assinante em Almada sr. Modesto Leal Viegas.

Com sua esposa e filhos, passou alguns dias em Loulé o nosso comprovinciano e prezado assinante em Lisboa sr. Dr. Joaquim Lourenço Gago.

Em gozo de licença, esteve alguns dias em Loulé, o sr. An-

tónio Mateus de Azevedo, nosso conterrâneo e prezado assinante em França.

Vindo de Luanda, onde esteve alguns meses, regressou a Loulé o nosso conterrâneo sr. Alvaro Guerreiro Lopes.

Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Olímpia Paulo e sua filha Maria Elisa, esteve em Loulé com curta demora o nosso prezado assinante em Almada sr. Bernardino Martins Paula.

Foi-nos grato cumprimentar nesta o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. Ventura Rocheta Gomes, secretário do Governo Civil de Leiria.

De visita a sua família e a matar saudades da terra natal, está entre nós o sr. Manuel Joaquim Alcária, nosso prezado assinante nos Estados Unidos.

A matar saudades da terra natal, está em Loulé o nosso conterrâneo e dedicado assinante no Canadá sr. Júlio Rodrigues Pinto.

Pelo mesmo motivo, também veio passar uma temporada a Loulé o sr. David Mendonça, nosso prezado conterrâneo residente nos Estados Unidos.

ALEGRIAS DE FAMILIA

Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve o seu bom sucesso, no passado dia 27 de Dezembro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Vitalina Custódio Favinha Mata, esposa do nosso prezado amigo sr. Amândio Augusto da Piedade Mata, empregado de escritório nesta vila.

O recém nascido, que na pia baptismal receberá o nome de Amândio José, é neto paterno do nosso prezado amigo sr. Casimiro dos Santos Mata, funcionário de Finanças da Fazenda Pública de Loulé, e de sua esposa sr.ª D. Maria José Cristóvão da Piedade Mata, e materno da sr.ª D. Vitalina Favinha e do sr. João de Sousa Favinha (falecido).

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns com desejos de longa e feliz vida para o seu descendente.

FALECIMENTOS

Faleceu há dias em Lisboa, onde estava em tratamento, o nosso conterrâneo sr. João Francisco Favinha Rodrigues, agente comercial, que deixa viúva a sr.ª D. Maria Teresa dos Santos Favinha e era filho da sr.ª D. Fernanda de Sousa Favinha e do sr. Francisco Rodrigues Filipe e pai da menina Maria do Rosário dos Santos Favinha.

Com a idade de 73 anos, faleceu em casa de sua residência, na Campina de Cima, no passado dia 20 de Dezembro, a sr.ª D. Rosa da Encarnação Matias, que deixa viúvo o sr. António Matias e era mãe do sr. David José da Encarnação Matias, e da sr.ª D. Maria do Carmo da Encarnação Matias, viúva, e D. Joana da Encarnação Matias.

Por se ter atirado para uma cisterna próxima de sua casa, faleceu há dias no sítio do Recanto (Bolíqueme), a sr.ª D. Maria de Lourdes Coelho, de 26 anos de idade, filha do sr. Joaquim Dias e da sr.ª D. Maria do Carmo Coelho, proprietários.

Pessoa muito conhecida e estimada, naquela freguesia, a sua morte causou profunda emoção, tendo sido largamente concorrido o seu funeral.

No Hospital dos Capuchos, em Lisboa, onde esteve em tratamento, faleceu no passado dia 31 de Dezembro a sr.ª D. Serafina Guerreiro Mendes, que deixa viúvo o sr. Manuel Candelas de Sousa, proprietário no sítio da Tor (Loulé) e dois orfãos menores.

A transladação foi feita pela Agência Carrilho, de Loulé, para o cemitério de Querença.

Com 73 anos de idade faleceu, no passado dia 31 de Dezembro, no sítio do Serro de Apra (Loulé), o sr. Manuel José Martins, que deixou viúva a sr.ª D. Maria do Carmo Galego e era pai do nosso prezado assinante sr. António Miguel Martins, empregado da Secil, em Setúbal, casado com a sr.ª D. Fernanda de Sousa Eusébio, e dos srs. Vitorino Galego Martins, casado com a sr.ª D. Rogéria do Nascimento Jerónimo; Manuel Galego Martins, casado com a sr.ª D. Lucília de Sousa Eusébio e Joaquim Miguel Martins, casado com a sr.ª D. Paulina Afonso Romão.

Faleceu em 26 de Dezembro, em Ferreira do Alentejo, o sr. José Francisco Mirotres, industrial, viúvo, de 70 anos de idade, pai do sr. José Manuel Francisco Mirotres, residente em Ferreira do Alentejo, e das sr.ªs D. Maria Bárbara Mirões Calceirinho e D. Amélia da Conceição Mirotres Martins, funcionária dos

Aqui, Lisboa...

Por Marisabel Xavier de Fogaça

O sol é mais intenso na larga praia. Mas ninguém foge dele. E como um bem que se deseja ou um mal que não se pode evitar. Quanto maior é a sua intensidade, maior é também o número daqueles que, preguiçosamente, se estendem, areia fora, rosto virado ao céu...

Quem, num desejo analítico, passe, ao bater das duas, por uma das nossas praias mais con-

Novos lares

Na igreja Matriz de Olhão, celebrou-se no passado dia 16 de Dezembro o auspicioso enlace matrimonial do nosso conterrâneo sr. Eduardo João Passos Correia, estudante de direito, filho do conceituado comerciante desta praça, e nosso dedicado assinante e amigo sr. Eduardo Correia e da sr.ª D. Joana de Passos Bandeirinha Correia, com a sr.ª D. Maria Fernanda Romeira Morgado, gentil filha do sr. José Gomes Morgado, considerado comerciante em Olhão e da sr.ª D. Maria de Lourdes Romeira Morgado.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seus pais e por parte da noiva o sr. Dr. Manuel Soares Cabeçadas e sua esposa sr.ª D. Maria Clotilde Ataíde Ferreira Cabeçadas.

Foi celebrante o Reverendo Monsenhor Dr. António Baptista Delgado.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo «copo d'água», em casa dos pais da noiva, durante o qual se fizeram numerosos brindes pela felicidade do jovem casal.

Também se realizou, no passado dia 22 de Dezembro, na Igreja de S. Lourenço de Almandil, o esperanzoso enlace matrimonial da sr.ª D. Adelaide Maria Pires, professora do ensino primário, prenha da filha da sr.ª D. Ana da Conceição Teixeira Pires e do sr. José Pires Guerreiro, proprietário, com o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. João Barros Madeira, médico nesta vila, filho da sr.ª D. Joana Aragão Barros Madeira e do sr. David Mendes Madeira, importante industrial e proprietário nesta vila.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios srs. António Guerreiro Pereira, proprietário e sua esposa sr.ª D. Maria Teresa Cavaco Pereira, e por parte do noivo, seus tios srs. Arnaldo Augusto Santos, empregado bancário e sua esposa sr.ª D. Ana Vitória Aragão Barros Santos.

Foi celebrante o Reverendo Padre Cabanita.

Após a cerimónia, foi oferecido aos convidados um finíssimo «copo d'água» no Restaurante «Duas Sentinelas».

Na Igreja de S. Francisco, também teve lugar, em 30 de Dezembro, o casamento do nosso prezado assinante sr. Ogevaldo Farrajota Ralheta, comerciante da nossa praça, filho do sr. António Piedade Ralheta, comerciante e da sr.ª D. Maria Correia Farrajota, com a sr.ª D. Neusa Maria Ramos Cecília, gentil filha do sr. Joaquim Sousa Cecília, comerciante na Venezuela e da sr.ª D. Maria da Glória Ramos, residente em Vale Judeu.

Na sede da Sociedade Recreativa de Vale Judeu foi servido um abundante e finíssimo «copo d'água» aos numerosos convidados.

Foram padrinhos os srs. Manuel Martins Farrajota, Hélder Farrajota Ralheta e as sr.ªs D. Solange Farrajota Ralheta e D. Maria Inês Ramos Cecília.

Aos novos casais, para quem auguramos as maiores venturas, endereçamos os nossos parabéns e votos de muitas felicidades.

C. T. T. nesta vila. O saudoso extinto era sogro do sr. Henrique Raposo Calceirinho, do nosso prezado amigo e assinante sr. Inácio Coelho Martins e da sr.ª D. Maria do Rosário Guerreiro Mirotres e avô do sr. Manuel Henriques Mirotres Calceirinho, e das meninas Dina Teresa Mirotres Calceirinho, estudante e Maria José Guerreiro Mirotres.

No Hospital de Oncologia, em Lisboa, onde esteve internado, faleceu no dia 30 de Dezembro o nosso conterrâneo sr. Francisco José Salgado Figueiras, solteiro, industrial nesta vila, filho do sr. Joaquim José Figueiras industrial e da sr.ª D. Antónia da Conceição Salgado.

O funeral, a cargo da Agência Carrilho, de Loulé, constituiu uma profunda manifestação de pesar.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentam sentidas condolências.

corridas, chegará a conclusões verdadeiramente assombrosas quanto ao carácter e ao sentir das gentes.

Aquela rapariga estirada, com um minúsculo faio de banho a cobrir-lhe o corpo rosado e roliço, toma ares de artista de cinema posando para a posteridade. A insignificante percentagem de massa cinzenta que contém a cabecinha de despenteada gude-lha lacada, não chega para compreender que não é vamp e que os gestos estudados e os olhares lânguidos não conseguem mais de que a tornar ridícula.

A sua vizinha de lado é mais sóbria de atitudes. Não tem a abundância de carnes nem o matiz claro da pele. Está queimada, dourada pelo iodo, tinsada pelos raios solares. O seu corpo é um feixe de ossos e de nervos, e os seus olhos claros parecem querer vislumbrar, no infinito, a barca encantada da ilusão. Mas fuma um cigarro com discrição. Parece não ver o que a rodeia, mas toda ela está pendente da impressão que produz.

É o tipo de menina ingénua que sabe tudo, que oculta com um sorriso infantil a maldade dos pensamentos maduros, que manhosamente se arma em criança para melhor fazer-se valer como mulher.

Porém, à frente, junto à babugem da água, cabelos cortados à rapaz, uma outra com duas tranças a balouçar-se pelas costas abaixo, duas jovens alegremente riem e conversam.

Não se lhes dá que as critiquem, que as olhem, ou que lhes dirijam um «piro». Interessam-lhes, apenas, tonificar-se, viver. Deixaram arrumados, em casa, os livros e as sebetas. O ano foi duro e o resultado pouco compensador. Mas confiam no ANA-NHA. Não no amanhã de «quimeras e fugas desordenadas em busca duma ideologia inexistente, mas um amanhã sólido e seguro, de pés assentes no solo e braços fortes para agarrar a felicidade. São jovens e sabem sê-lo, e viver todos os dias com os anos que têm, em cada minuto um minuto, em cada semana uma semana. São jovens que começaram no princípio e acabaram no fim...

As bater das duas, seria bom que todas as raparigas que se encontram nas Praias de Portugal, fossem assim. Que todas as jovens o fossem no espírito, não agissem como velhos famintos e desenganados.

Que o seu espírito fosse limpo e o corpo não fosse um produto expositivo mas algo de valioso pela saúde e pela honestidade e pela pureza da sua atitude correcta e leal.

Que o corpo seja, cheirando a maresia, tostado e moço, albergasse em si uma alma mais são ainda... ao bater das duas... SEMPRE!

SALIR

A todos os nossos assinantes residentes nesta freguesia que ainda não pagaram os recibos das suas assinaturas referentes ao ano de 1962, muito agradecemos o especial favor de providenciarem a sua liquidação no mais curto espaço de tempo possível directamente a esta redacção, de contrário ver-nos-emos obrigados a suspender a remessa do jornal, visto ter ficado inicialmente estabelecido que o pagamento das assinaturas seria efectuado adiantadamente.

Aos que estão em via, muito agradecemos a liquidação dos recibos do ano de 1963, que deve ser efectuada nesta redacção, dada a impossibilidade de efectuarmos cobranças em Salir, onde a estação dos C. T. T. continua a existir apenas no documento oficial que a criou há mais de um ano.

O Natal dos Pobres

(Continuação da 1.ª página)

cargos, a Comissão Municipal de Assistência dispõe apenas da minuta verba de 6.000\$00 anuais de Direcção-Geral da Assistência, valendo-lhe no entanto o subsídio de 50 contos da Câmara Municipal, as quais lhe têm permitido prestar relevantes serviços aos pobres do concelho, quer pagando-lhe transportes para internamentos em Lisboa, ou concedendo subsídios para: pagamento de renda de casa, remédios, invalidez, desemprego, etc., contribuindo assim grandemente para suavizar a vida de muitos infelizes.

Não podemos deixar de salientar o espírito de equidade e dinamismo de que tem dado sobejas provas o actual presidente desta Entidade — Ex.º Engenheiro Manuel José da Silva Pereira, a quem não queremos deixar de felicitar pela orientação dada à Comissão Municipal de Assistência.

Nova Direcção do Louletano

Em Assembleia Ordinária há dias efectuada, foi eleita a nova direcção do Louletano Desportos Clube, cuja constituição é a seguinte:

DIRECÇÃO

Presidente — Dr. Manuel Mendes Gonçalves; Vice-Presidente — Manuel Bexiga Peres; 1.º Secretário — Emilliano dos Ramos Laginha; 2.º Secretário — José Maria Carrusca Pontes; Tesoureiro — António Maria Andrade de Sousa; Vogais — Bernardo Gonçalves Inácio, José Vitoria Neto e Ildio da Cruz Floro.

SUBSTITUTOS

Manuel Filipe da Costa, Eliseu Valente Guerreiro, Daniel Farrajota Fernandes, José de Sousa Gonçalves, José Correia Varela, Mário Teresa Floro, Francisco Henrique Coelho Domingos e Américo Guerreiro Correia.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Dr. João Barros Madeira; 1.º Secretário — José dos Santos Elias; 2.º Secretário — José Ferreira Torres.

CONSELHO FISCAL

Presidente — Joaquim Guerreiro Brazão; Secretário — Manuel Farrajota Martins; Relator — Almiro Batista Barbo.

Gemas Ultramarinas

(Continuação da 1.ª página)

gislative. Se estas últimas hipóteses se incluírem no conceito de autonomia, julgamos que a questão revestirá um aspecto de especial transcendência, na medida em que se trata de doutrina nova no conceito tradicional de política Ultramarina, que urge analisar com cuidado, e decidir com o verdadeiro «agrément» de toda a Nação, para que, deste modo, se evitem certas anormalias, inteiramente dispensáveis da cena política nacional.

Efectivamente, autonomia legislativa e governativa, não podem ser enquadradas com propriedade no conceito da «Nação Unitária», isto porque a definição de «Nação Unitária» se exprime, inofensivamente, através dos seus órgãos de soberania — o Chefe de Estado, o governo e o Poder Legislativo (Assembleia Nacional).

Assim, a «desmultiplicação» do poder legislativo e governativo para além de proporcionar uma actuação desigual dos vários órgãos ou «órgãosinhos», cinde, anida, «manifestamente» o conceito de «Nação Unitária» e não aperfeiçoa — no conjunto — a máquina administrativa do Ultramar. Temos para nós como válido, que uma Nação possuidora duma verdadeira tradição Ultramarina, pode avivar ou aperfeiçoar os órgãos e sistemas em que se constitui essa tradição, mas não pode — de modo algum — alterar as bases fundamentais dessa tradição, porque não pode modificar a maneira de ser e a experiência nacionais, sob pena de perder a coerência que deve manter para com a política fundamental da Nação no Ultramar — a integração —.

Sessão de cinema

Por iniciativa da Agência de Viagens e Turismo «Algarve», com sede nesta vila, realiza-se na 3.ª feira, dia 8, uma sessão de cinema na sede da Sociedade Recreativa Artística Louletana, com a exibição de filmes gentilmente cedidos pela Embaixada do Japão, em Lisboa.

Durante a sessão, será sorteado um bonito saco de viagem para premiar os concorrentes do «TOTOBOLA», cujos boletins sejam entregues naquela Agência de Viagens.

Empresa de Viação Algarve, Lda.

FARO

Horário da carreira de passageiros, entre

CACILHAS — FARO

Com início em 20 de Dezembro de 1962

Com o restabelecimento do horário que se havia suspenso em 31/10/1962

8,20	13,40	Cacilhas	18,40	20,05
9,22	14,42	Setúbal	17,40	19,05
9,52	15,12	A. Moura	17,08	18,33
10,44	16,03	Alcácer	16,18	17,43
11,33	16,50	Torralva	15,30	16,55
13,17 (a)	17,37 (a)	Ferreira	14,44 (a)	16,10 (a)
13,34	17,52	Ervidel	13,41 (a)	15,53
13,58	18,16	Aljustrel	13,16	15,30
14,33	18,51	C. Verde	12,41	14,55
15,06	19,24	Almodovar	12,08	14,22
15,47	19,58	Ameixal	11,26	13,47
16,33 (b)	20,34 (b)	B. Velho	10,45 (b)	13,12 (b)
17,20	21,05	S. Brás	10,06	12,42
17,45 (c)	21,30	Faro	9,30 (c)	12,15 (c)

Effectuam-se diariamente

(a) ligação com Beja, etc.

(b) ligação com Loulé, etc.

(c) ligação com Olhão, etc.

TRESPASSA-SE

Amplio estabelecimento, situado na Praça da República, 42 - 44.

Tratar com CARLOS MARTINS ELIAS

Telefone 178

LOULÉ